

A GEOGRAFIA E A EXPERIÊNCIA DO MUNDO

Prof. Dra. Amélia Regina Batista Nogueira

“A sabedoria que é adquirida durante o curso da vida, é o resultado da ternura da mente com o coração”. (Cowan, James. O sonho do cartógrafo, 1999, p.87)

Em 1945 um filósofo francês defendeu tese e quando a publicou anunciava em seu prefácio:

“ Eu não sou o resultado ou o entrecruzamento de múltiplas causalidades que determinam meu corpo ou meu ‘psiquismo’, eu não posso pensar-me como uma parte do mundo, como o simples objeto da biologia, da psicologia ou da sociologia, nem fechar sobre mim o universo da ciência. Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido...”. (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 03)

Merleau- Ponty foi este filósofo que, seguindo os passos de Husserl, que no início do século XX “desaprovou a ciência”, fez da interpretação do mundo vivido seu objeto de reflexão.

Em “Fenomenologia da Percepção”, sua tese e uma de suas principais obras dá ênfase ao mundo percebido e para falar deste põe em debate a categoria espaço, pois para ele a fenomenologia é também um “relato do espaço, do tempo, do mundo vivido”. Poderíamos ousar a dizer que esta reflexão aproxima-se das preocupações da Geografia, pois ela é a ciência que tem como objetivo fazer um relato do espaço, do mundo vivido. Aproximamo-nos deste filósofo para compreendermos melhor o mundo estudado pela geografia; com ele percebemos que para termos um olhar diferenciado da geografia que fizemos até aqui, precisávamos deixar o olhar do cientista à parte, precisávamos olhar o mundo com o olhar de quem vive nele, o experientia. Era necessário, como fez Merleau-Ponty, reconhecer que o mundo está sempre ali, antes da reflexão; nosso papel era o de torná-lo visível, fazê-lo de objeto de interpretação. Não nos cabe dizer como o mundo é ou como deve ser, mas sim perceber como ele está sendo. Como nos ensinou Merleau-Ponty “a ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele”. (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 3)

Em outro texto nos aventuramos a pensar o mundo vivido do filósofo como o lugar vivido da Geografia, o lugar é o mundo da vida, nele se entrecruzam experiências vividas, percebidas de vários outros lugares. No lugar percebe-se a presença humana, a inter-relação entre os homens e entre estes e a natureza. Não devemos olhá-lo como se estivéssemos fora dele, devemos isto sim, perceber nossa condição de sujeito que está no mundo e que tem dele uma experiência. Nosso distanciamento deve ser por um momento para percebermos sem muitas paixões, para nos admirarmos diante dele e assim desvendá-lo, compreendê-lo e interpretá-lo.

Para Merleau-Ponty o espaço não pode ser entendido de forma fragmentada, deve ser entendido na sua totalidade, porém reconhece que cada experiência com o espaço é única, fruto da existência, da relação que cada ser tem com o seu lugar que é singular. Merleau-Ponty ressalta, “ não se tem o direito de nivelar todas as experiências em um só mundo, todas as modalidades da existência em uma só consciência”. Desta

forma os lugares refletidos pela Geografia serão compreendidos a partir da experiência que cada sujeito ou cada grupo tem dele. Merleau-Ponty nos alertou que “o espaço é existencial da mesma forma que a existência é espacial” (MERLEAU-PONTY, 1996, p 394). O lugar, assim, deve ser pensado em todas as suas dimensões, dos significados simbólicos, míticos, à sua dimensão material, visível.

Merleau-Ponty ainda levantou a questão de que o espaço primordial não é o espaço geométrico, mas o espaço da experiência, da existência, onde as distâncias não são medidas apenas por dois pontos, mas pela experiência. Assim, “ a distância, como todas as outras situações espaciais, só existe para um sujeito que faça sua síntese e que a pense” (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 343). A experiência é entendida por Merleau-Ponty como conhecimento que antecipa a filosofia. A partir do momento em que ela é reconhecida, podemos ver o mundo como efetivamente ele é. Essa proposição nos leva a pensar o lugar, categoria eminentemente geográfica, como mundo vivido, pensado por Merleau-Ponty e outros fenomenólogos. O lugar produzido na relação cotidiana entre os homens que nele habitam e que fazem dele parte de si, um mundo que é revelado a partir da percepção de cada ser, um mundo da experiência. Os homens não se movem num lugar abstrato e sim num lugar que é concreto e pessoal, um espaço percebido e vivido, modelado pela experiência. Segundo Merleau –Ponty,

“ O mundo da percepção, isto é, o mundo que nos é revelado por nossos sentimentos e pela experiência de vida, parece-nos à primeira vista o que melhor conhecemos, já que não são necessários instrumentos nem cálculos para ter acesso a ele é, aparentemente, basta-nos abrir os olhos e nos deixamos viver para nele penetrar. Contudo, isso não passa de uma falsa aparência. Eu gostaria de mostrar que esse mundo é em grande medida ignorado por nós enquanto permanecemos numa postura prática ou utilitária, que foram necessários muito tempo, esforços e cultura para desnudá-lo e que um dos méritos da arte e do pensamento moderno (os últimos 60 ou setenta anos) é o de fazer-nos redescobrir esse mundo em que vivemos mas que somos sempre tentados a esquecer”. (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 02)

Os lugares estão encarnados nos homens e estes traduzem no cotidiano o que é o lugar, revelando uma relação existencial entre eles e o lugar. Merleau-Ponty nos orienta nesta discussão que “a existência é espacial, que *ser* é sinônimo de ser situado”(MERLEAU-PONTY, 1996, p. 339). Considerou que antes de qualquer coisa há um lugar de onde nos orientamos e nos situamos. Aqui o homem não é tratado como mais um dado da pesquisa, ou como mais um informante dos dados necessários à pesquisa, mas como habitante do lugar, que o vive, vivencia e experiencia.

A experiência do mundo-lugar- está ligada a forma como se percebe o mundo. A experiência aqui ressaltada é a dos homens que as vivem, as que são resultados do envolvimento dele com o mundo (NOGUEIRA, 2001), o espaço está carregado de significados, de valores, para uns o lugar expressa um sentimento de pertencimento, para outros de repulsão, cada homem tem uma experiência singular com o mundo, com o lugar. “É no mundo que ele se conhece” (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 6). Merleau-Ponty ressaltou ainda que,

“Será preciso despertar a experiência do mundo tal como ele nos aparece enquanto estamos no mundo por nosso corpo, enquanto percebemos o mundo com nosso corpo. Retomando assim o contato com o corpo e com o mundo é também a nós mesmos que iremos reencontrar, já que se percebe com nosso corpo, e o corpo é um eu natural, é como que o sujeito da percepção, do conhecimento” (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 278).

Merleau-Ponty chamou atenção para a nossa experiência com o mundo, com os lugares, aquela dada na relação intersubjetiva entre eu e o outro e entre nos e os lugares. Os lugares construídos no dia a dia na relação de trabalho, de afetividade, de rejeição, de circulação, de produção de idéias. (NOGUEIRA, 2001). Merleau Ponty nos propõe “basear nossos estudos científicos no mundo da experiência humana”. Nas interpretações fenomenológicas de Merleau-Ponty, não há um mundo objetivo independente da existência humana, “todo conhecimento resulta do mundo da experiência” (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 74). Logo, todo ambiente é único para cada indivíduo, pois cada um, além do interesse coletivo adquirido culturalmente, traz presente sua forma de perceber e conceber os lugares. Suas percepções são construídas a partir da relação com aquele lugar, relação esta que é resultado de sua história e experiência individual.

Merleau-Ponty vê como necessária à volta a experiência vivida pelo indivíduo no seu cotidiano e não explicadas por construções criadas por teóricos. É preciso entender a percepção como primeiro acesso às coisas. O mundo da experiência tem para nós um significado pré-reflexivo, estamos nele como “sujeitos encarnados”, nossa experiência com ele o torna para nós um “lugar familiar de nossa vida” (MERLEAU-PONTY, apud NOGUEIRA, 2001, p. 70)

Husserl viu a necessidade de “voltar às coisas mesmas”, este retorno para Merleau-Ponty não significa apenas ter uma concepção prévia das coisas, “este retorno, alheio a qualquer preconceito, pretende apreender as coisas como originariamente se apresenta à visão” (OLIVEIRA, 2006, p. 142). A visão não apenas como experiência visual, mas “estende-se a toda experiência que nos mostra algo com a ajuda do corpo, aqui ver é sinônimo de perceber”, de experienciar, de conviver e de se envolver. Voltar “as coisas mesmas” significa então, reencontrar esse “contato ingênuo”, espontâneo e natural do corpo com o mundo. Por outras palavras, é a experiência primeira, concreta, vivida e sem preconceitos do corpo que cumpre retornar (OLIVEIRA, 2006).

Os lugares no mundo têm cor, cheiro, barulho e forma, cada experiência com ele mostra um pouco de como ele realmente é e está sendo. A montanha, o mar, o céu, a floresta, a água, as praças, os monumentos, os palácios, não se traduzem apenas pela sua forma material, mas também simbólica e imaginária. Além de serem constituições físicas, são também culturais, têm múltiplas significações. O que é a montanha para um judeu? Para um cristão? Para um muçulmano? Para um chinês? Para um árabe? Para um ocidental? O que significa o céu? A floresta? A essas interrogações devemos responder levando em conta as múltiplas experiências que temos, experiências de quem vive os lugares, mas também dos que distantes deles, possuem uma relação simbólica com eles: não apenas os judeus amam Israel, mas todo cristão sonha com esta “terra prometida”, onde Cristo caminhou, se banhou e subiu aos céus.

Essas dimensões foram a princípio ignoradas pelo conhecimento objetivo, pois traduziam uma realidade fruto da experiência do mundo pelo sujeito que a vivenciava e à ciência não interessava, pois esta é “desencarnada” do mundo. Merleau-Ponty e os fenomenólogos chamam atenção para a importância desses saberes, pois são conhecimento de homens concretos que traduzem o lugar como ele realmente é. Os homens estão no mundo como “corpo conhecedor ou consciência perceptiva... a partir da qual o corpo e a consciência são apenas dois aspectos de minha presença ao mundo, isto é, dois momentos de um sujeito que, na experiência perceptiva, experimenta-se como fundamentalmente uno” (OLIVEIRA, 2006, 142).

Está-se no mundo de “corpo e alma”, a experiência que se tem dele não traduz apenas a relação do corpo (sensação) e nem da consciência (razão), mas é construída na inter-relação entre o que eu “penso e o que eu Vivo”. Nessa relação voltamos as “coisas

mesmas”, ao “mundo da vida” (LEBENSWELT) da experiência. Porém, não significa uma recusa da ciência,

“trata-se antes de despertá-la do sonho de um conhecimento soberano e de uma afetividade absoluta, de contestá-la em sua visão de mundo, quando se esquece de sua origem secundária e construtivista para fechar-se sobre si mesma e colocar-se como modelo absoluto da realidade ou visão universal de mundo” (OLIVEIRA, 2006, 149).

Não mas se admite a exclusividade da verdade da ciência, é fundamental voltar ao “mundo da vida” da qual a ciência se distanciou para explicá-la. É preciso compreender os “direitos” e os “limites” de ambos os conhecimentos.

A GEOGRAFIA E A EXPERIÊNCIA DO MUNDO

A Geografia diferente de outras ciências do homem nasce como ciência da Terra. De uma Terra quase sem homens, onde este era mais um elemento da natureza física da terra: o mar, os rios, a floresta, as serras, as montanhas, as rochas, as cidades eram vistas como resultados de acidentes naturais ou relação mecânica entre o homem e a natureza. Aqui a Terra se sobrepunha ao homem, sua constituição física era o objeto de preocupação da ciência geográfica. Num segundo momento da História do pensamento desta ciência, que continua sendo da Terra, os elementos que a constituem passam a ser geometrizados: extensão, largura, altitude, longitude, médias, percentuais, população total, absoluta, densidade demográfica, foi por muito tempo sua linguagem, se estabelecendo até hoje como prioridade para o planejamento funcional dos lugares.

O homem com suas experiências pessoais do lugar, com suas emoções em relação a ele, com suas experiências agradáveis e desagradáveis dele, foi relegado por essas proposições e com ele “o mundo da vida”. A partir da década de 50 esta discussão foi aos poucos sendo tema de interesse de pequenos grupos de estudiosos do pensamento geográfico fortalecendo-se por volta de 1990. A Geografia Crítica Humanista volta o seu olhar ao homem, ao homem concreto que no dia a dia constrói o seu mundo numa relação com os outros, relação de amor, raiva, harmonia, conflito, ternura. Numa relação cultural. A Terra possa a ser compreendida como lugar da existência. Retorna-se ao “mundo da vida”.

Mostrou-se que é possível fazer uma Geografia que comece pela experiência dos homens que estão aí, que vivem aí, que trabalham aí, comem, que dormem, rezam, dançam, se emocionam. A Geografia da experiência do mundo dá voz aos homens antes de descrever e analisar os lugares desses homens. Procura interpretar e compreender os lugares primeiramente tal como ele é, a partir de quem o experiencia. Aqui a Terra não é apenas uma constituição natural, o homem não é fruto da evolução das espécies e nem tão somente de classe. A Terra é compreendida como o lugar da vida. Onde se entrecruzam homens dotados de capacidade racional e emocional, que tem com os lugares onde vivem uma relação afetiva e simbólica. Essa Geografia foi buscar aquele homem para quem “a realidade geográfica é primeiramente aquela onde ele está os lugares de sua infância o ambiente que lhe chama à sua presença” (DARDEL, 1990, p. 46 apud NOGUEIRA, 2001)

Nossa pretensão em fazer uma leitura de Merleau-Ponty é a de contribuir com os estudos do pensamento geográfico no sentido de pensar uma geografia que

interprete os lugares como resultados da existência humana, o espaço não apenas como produto das relações de produção, mas como produção da cultura, onde os homens numa relação intersubjetiva registrem sua presença no lugar. É preciso fazer uma Geografia que comece pelas experiências “pré-científicas”, pelas experiências de quem vive, percebe e constrói os lugares. Uma Geografia do “mundo da vida” tal como ela realmente é.

Referências bibliográficas:

COELHO JR, Nelson e CARMO, Paulo Sérgio do, Merleau Ponty Filosofia como corpo e existência. São Paulo: Escuta 1991

MERLEAU-PONTY, Maurice, Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

-----, O primado da percepção e suas conseqüências filosóficas. Campinas: SP: Papyrus, 1990.

MERLEAU-PONTY, Maurice, Merleau-Ponty na Sorbonne: Resumo de cursos Filosofia e linguagem. Campinas, SP:Papyrus, 1990.

NOGUEIRA, Amélia R. B. Percepção e representação gráfica: A “geograficidade” nos Mapas Mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas. Tese de doutorado. Departamento de Geografia. São Paulo, USP. 2001.

OLIVEIRA, Wanderley C. O conceito de fenomenologia a partir do “Prefácio” à Fenomenologia da Percepção de M-Ponty, In: PINTO, Débora Cristina Morato, MARQUES, Rodrigo Vieira (organizadores), A fenomenologia da experiência: horizontes filosóficos da obra de Merleau-Ponty. Goiânia:Ed. Da UFG, 2006.

PINTO, Débora Cristina Morato, A meditação segundo a percepção: Bérson, Merleau-Ponty e o verdadeiro sentido da experiência. In: PINTO, Débora Cristina Morato, MARQUES, Rodrigo Vieira (organizadores), A fenomenologia da experiência: horizontes filosóficos da obra de Merleau-Ponty. Goiânia:Ed. Da UFG, 2006.